

## **Turismo Sexual e Tráfico de pessoas: Construções Tipológicas à Luz do Método Weberiano**

Marcela Ferreira Marinho<sup>1</sup>  
Daniel Arthur Lisboa de Vasconcelos<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente artigo, de caráter ensaístico, visa a contribuir para reflexões sobre como o Método Tipológico pode ser utilizado como ferramenta para os estudos em Ciências Sociais Aplicadas, conseqüentemente, para o Turismo. Destacando os fenômenos do Turismo Sexual e do Tráfico de Pessoas como construções abstratas, tentaremos, no decorrer do texto, trazer à tona o Método Tipológico e algumas categorias da Sociologia Weberiana, como a Ação Social, na tentativa de contextualizar os fenômenos ora observados. Demonstra-se, desse modo, que a construção weberiana do conhecimento em Ciências Sociais aplica-se metodologicamente ao Turismo, e que os estudos acerca das temáticas aqui delimitada é campo fértil para discussões acerca de possibilidades metodológicas que levem em consideração o compreensivismo e a hermenêutica culturalista propostos por Max Weber.

**Palavras-Chave:** Turismo Sexual, Tráfico de pessoas, Método Weberiano.

### **Introdução**

Preocupações de inquietos atores sociais com o turismo sexual e o tráfico de pessoas vêm crescendo consideravelmente. Compreender esse fenômeno é tarefa que perpassa o processo histórico baseado em múltiplas relações e em questões metodológicas e conceituais.

Nesse sentido, evidente se a sua importância do método weberiano para as Ciências Sociais modernas, visto que seu arcabouço metodológico-conceitual baliza diversos estudos, desde a concepção de sua obra, que ocorreu entre o final do século XIX e o início do século XX, até a contemporaneidade. Rompendo com os pressupostos positivistas dominantes em sua época, Weber procurou aplicar a noção de compreensão – ou *Vesterhen* – às suas análises sobre o fenômeno social fundando, assim, uma concepção culturalista nos estudos

---

<sup>1</sup> Mestre em Turismo (Universidade de Caxias do Sul). Bacharelado em Turismo, Especialista em Psicologia Jurídica e em Fundamentos Científicos e Metodológicos da Pesquisa e Docência (Faculdade de Alagoas). Docente do curso de Turismo do Centro Universitário Cesmac-Al. Contatos: marcela\_turismo@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Sociologia (Universidade Federal de Alagoas - UFAL). Bacharel em Turismo (Faculdade de Alagoas - FAL). Professor Assistente do curso de Bacharelado em Turismo da UFAL. Contatos: daniel\_tur@hotmail.com

sociológicos, na qual buscava-se compreender os sentidos e conexões presentes nas ações sociais.

Conforme o entendimento de Ringer (2004), o projeto metodológico de Max Weber contribui de maneira muito específica para uma unificação das Ciências Culturais e das Ciências Sociais, enfatizando a noção de compreensão. Trata-se de uma hermenêutica de cunho interpretativo e explicativo, na qual o pesquisador deve compreender textos, culturas e períodos históricos como símbolos que devem ser elucidados dentro de seus próprios sistemas de significação. Assim, conforme os preceitos weberianos, para se compreender as ações sócio-históricas dos indivíduos, deve-se analisar todo um complexo pano de fundo cultural que as orienta, ou seja, as diversas representações, as simbologias através das quais interpretam sua temporalidade, seu habitat espacial, suas relações com a natureza, com os outros indivíduos, com o sobrenatural, etc. Entretanto, para se dotar de alguma objetividade, a compreensão e a interpretação devem passar por um constante processo de verificação racional, balizado na atribuição hipotética de racionalidade nas suas ações.

A obra weberiana não constitui um sistema fechado de interpretação da realidade. Desse modo, na tentativa de compreender uma sociedade moderna constituída por um processo histórico de racionalização, Weber constrói as suas análises fundando uma ciência da cultura, a qual busca interpretar a ação social dos indivíduos para explicar suas causas, seu desenvolvimento e seus efeitos. Uma peculiaridade desse método é a negação de leis que determinam o devir histórico, ou seja, nessa acepção cada sociedade evolui de maneira singular, com uma história peculiar, e sob relações particulares, para que determinadas circunstâncias culturais se configurem. Nesse contexto, podem intervir uma diversidade de fatores, sendo o papel do pesquisador “interpretar” o que pode, ou poderia, ocorrer caso essas variáveis sejam, ou fossem, diferentes.

A solução proposta por Weber aos complexos problemas metodológicos que ocuparam a ciência social no início do século XX permitiu que novas acepções fossem dadas a diversas questões sócio-histórico-culturais. Assim, tentaremos trazer à tona algumas categorias da Sociologia Compreensiva, ou Compreensivista, para a análise do Turismo Sexual e do Tráfico de Pessoas como fenômenos sociais. O primeiro destes conceitos é o de “tipo ideal”, um instrumento teórico utilizado pelo autor para tentar conferir objetividade aos estudos sociológicos. Também abordaremos a tipologia da “ação social”, que consiste numa categoria

fundamental nas análises weberianas, tentando demonstrar como ela é aplicada em análise dos fenômenos aqui analisados.

A complexidade e a natureza multifacetada fazem de pesquisas relacionadas ao turismo sexual e ao tráfico de pessoas é armadilha perceptível na tentativa de criar parâmetros para o estudo. Várias dimensões surgem a cada verificação decorrente dessa natureza. Conforme esboços sobre perceptos weberianos, o estudo do turismo sexual e do tráfico de pessoas à luz do método Tipológico se faz interessante, pois, de um lado, subsidia a discussão de caráter teórico que se faz articular a elementos atuantes na contextualização de ambos os fenômenos, na tentativa de entender o contexto macro e, por outro lado, remete a discussão analítica dessa teoria orientando para uma construção teórica capaz de relativizar a complexa esfera das ações sociais presentes na realidade desses fenômenos sociais.

### **Marco Teórico: o método tipológico de Max Weber**

O método tipológico de Max Weber é, para muitos cientistas sociais, uma aproximação do método comparativo, quando o pesquisador, ao comparar fenômenos sociais complexos, constrói tipos ou modelos ideais desses fenômenos, no qual o cientista tem o papel de ampliar e ressaltar determinados aspectos mais significativos do fenômeno social a ser analisado, diferenciando-se, contudo, pela aplicação de instrumentos que permitam a manutenção da objetividade científica.

É para ilustrar teoricamente a conexão entre “interpretação” e “explicação” que Weber recomenda a utilização desses instrumentos, que o autor denominou “tipos ideais”, os quais, de acordo com Ringer (2004, p.16) são constituídos como “simplificações ou caracterizações ‘unilateralmente’ exageradas de fenômenos complexos que podem ser hipoteticamente concebidos e depois comparados com as realidades que devem elucidar”. Tal instrumento de pesquisa é fundamental nas construções teóricas weberianas, permeando toda a sua obra sociológica. Em seu texto traduzido como “A ‘objetividade’ do conhecimento nas ciências sociais”, o teórico nos esclarece acerca da utilização desses instrumentos:

Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isoladamente dados, difusos e discretos, que se podem apresentar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se acentuam, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento. Torna-se impossível encontrar empiricamente na

realidade esse quadro, na sua pureza conceitual, pois trata-se de uma utopia (WEBER, 1982, p.106).

Para uma Sociologia na qual, segundo Weber (1982, p.92), “o conceito de cultura é um conceito de valor” torna-se essencial à utilização de algo que assegure ao pesquisador a objetividade do conhecimento. Conforme Tragtenbeg (1992), muitos cientistas sociais confundem a pesquisa objetiva com o juízo de valor, não utilizando de maneira correta o recurso heurístico que constitui os tipos ideais que, em verdade, serve uma maior objetividade aos estudos, sintetizando “compreensão” e “experimentação”, “explicação” e “valor”, o “devir” e o “ser” no conhecimento histórico-social, como preceitua Weber (1992a).

Contudo, é conveniente defender a opinião de que uma objetividade absoluta é impossível em Ciências Sociais e Culturais, por isso os tipos ideais são utilizados apenas como meios de se construir uma contextualização sócio-cultural, pois segundo Weber (1982, p.108) “[...] a construção de tipos ideais abstratos não interessa como fim, mas única e exclusivamente como meio de conhecimento”. Sob essa acepção, sua finalidade é a tentativa de evitar atribuição de valores subjetivos do pesquisador ao estudo, pois sua elaboração só tem sentido teórico até o ponto em que eles permitam realizar as interpretações e comparações propostas em uma pesquisa.

Para exemplificar como Weber utilizou esse procedimento, podemos citar os tipos puros de dominação: racional, tradicional e carismática (1991); a tipologia dicotômica (ascetismo – misticismo) para a análise das relações entre o turismo sexual e algumas ordens “desse mundo” (1982a); e as descrições tipológicas de “A ética protestante e o espírito do capitalismo” de racionalizações religiosas como o Calvinismo, o Pietismo, o Metodismo, e as Seitas Batistas (1994). Todas essas construções foram elaboradas com a maior pureza abstrata possível, mas não devem ser encaradas como um perfeito reflexo da realidade, pois foram forjadas através processo de racionalização, no qual se objetivou uma descrição referencial para se lograr, qualitativamente falando, a dimensão dos desvios entre uma ação racionalmente orientada em relação a fins (que levaria ao tipo puro) e uma realidade sócio-histórica concreta, influenciada por desvios irracionais de ação.

Na obra em que estuda “a ética protestante e o espírito do capitalismo”, Weber faz uma construção típico-ideal do que seria o que ele denomina o “espírito do capitalismo”. Para o autor, não devemos buscar encontrar essa “pretensiosa” expressão em uma realidade empírica, ou seja, isso significa que o caráter dessa expressão é unicamente histórico e individual. Ele

mesmo, no decorrer de seu estudo, afirma que essa expressão é apenas a tentativa de definição de um objeto, cuja análise pode ser feita sob várias óticas; não podendo, portanto, ser representada por conceitos unilaterais. Na tentativa de ilustrar melhor essas idéias, Weber (1994, p. 30-31) cita-nos algumas frases de Benjamim Franklin, as quais podem expressar um pouco do que se tenta expressar sobre o espírito do capitalismo:

Lembra-te de que tempo é dinheiro. [...].  
Lembra-te de que crédito é dinheiro. [...].  
Lembra-te de que o dinheiro é de natureza prolífica, procriativa. [...]  
Lembra-te deste refrão: O bom pagador é dono da bolsa alheia. [...]  
As mais significantes coisas que afetem o crédito de um homem  
devem ser consideradas.

Tomando as palavras de Franklin como exemplo do espírito do capitalismo, Weber tenta afastar o juízo de valores em sua análise. É esse dimensionamento que permite ao pesquisador realizar conexões causais entre os fenômenos sociais, culturais e a ação dos indivíduos. Mais adiante, traremos algumas construções tipológicas acerca da temática ora abordada, a fim de ilustrar o método tipológico aplicado.

### **Ação Social: o vínculo Sociológico entre os indivíduos**

Apenas tecendo um breve esclarecimento sobre a categoria ação social, poderíamos, grosso modo, considerar que é um tipo de ação em que o agente refere-se ao comportamento de outros indivíduos, orientado, assim, seus atos. Nesse sentido, Weber nos esclarece que: “Nem toda espécie de contato entre os homens é de caráter social, mas somente uma ação dirigida para a ação dos outros” (1992, p.415); definindo-a como “[...] uma ação na qual o sentido sugerido pelo sujeito ou sujeitos refere-se ao comportamento de outros e se orienta nela no que diz respeito ao seu desenvolvimento” (1992, p.400). Assim, o autor propõe uma tipologia da ação social, que pode ser:

1) racional com relação a fins: determinada por expectativas no comportamento tanto de objetos do mundo exterior como de outros homens, e, utilizando essas expectativas, como “condições” ou “meios” para o alcance de fins próprios racionalmente avaliados e perseguidos. 2) racional com relação a valores: determinada pela crença consciente no valor - interpretável como ético, estético, religioso ou de qualquer outra forma - próprio e absoluto de

um determinado comportamento, considerado como tal, sem levar em consideração as possibilidades de êxito. 3) afetiva, especialmente emotiva, determinada por afetos e estados sentimentais atuais; e 4) tradicional: determinada por costumes arraigados.

Enfim, de acordo com os preceitos desse teórico, em Sociologia Compreensiva a “ação social” deve ser tomada como um “dado central” que o pesquisador deve analisar com base no modelo de “racionalidade com relação a fins”. Também ressalta-se que na realidade empírica a linha divisória entre racionalidade e irracionalidade é praticamente inexistente, no entanto, com a interpretação de modelos de racionalidade intencional dos agentes, pode-se lograr um elevado grau de evidência, atribuindo a esses uma motivação de racionalidade correta vinculada a um tipo-ideal. Desse modo, os comportamentos desviantes dessa suposta racionalidade apontam causas externas àquelas atribuídas ao agente ideal.

Entendendo o método tipológico como ferramenta metodológica para interpretar, comparar e criar modelos explicativos da realidade prática será discutido, para exemplificar, temas contemporaneamente pertinentes aos pesquisadores dos fluxos contemporâneos de pessoas, como o turismo sexual e tráfico de pessoas, ora considerados a partir do conceito de Ação Social.

### **Uma Descrição Histórica e Tipológica do Turismo Sexual no Brasil**

Muitos são os elementos utilizados por pesquisadores do turismo sexual para defini-lo conceitualmente, estes disponíveis na literatura corrente. Ressaltam o fenômeno como recente, articulado a outros fenômenos como o próprio turismo, com considerável apelo de alguns meios midiáticos, durante a história do Brasil, que utilizaram alguns elementos sociais como a mulher para divulgar o país no exterior.

Para muitos estudiosos, o Turismo sexual apresenta grande desenvolvimento na década de 70, período que marca o “Milagre Econômico”<sup>3</sup>. Entretanto, já no ano de 1966, pode-se contextualizar o Turismo e o Turismo sexual a partir da criação da Empresa Brasileiro de Turismo - EMBRATUR<sup>4</sup>, por meio do qual se desenvolvia Políticas Públicas para o turismo e

<sup>3</sup> Este período ficou marcado pelo grande desenvolvimento e incentivo da industrialização no país, e onde o Turismo foi impulsionado em decorrência do volume de divisas que o Turismo Internacional deixa no Brasil.

<sup>4</sup> Posteriormente modificado institucionalmente para Instituto Brasileiro de Turismo, órgão atualmente vinculado ao ministério do Turismo.

sendo esse o órgão oficial do Turismo nesse período. O Instituto, através de propagandas veiculadas no exterior, “vendia” o país sob o foco de mulheres seminuas em praias paradisíacas e exóticas, Piscitele (1996 p.16) afirma que “[...] nas publicações, as fotografias ocupam boa parte, do espaço das notas, reforçando o texto escrito”. O período de criação deste órgão foi um momento marcado pela segunda fase da ditadura militar no Brasil, e assim, o turismo ganhou espaço no cenário nacional como ferramenta para “desviar” os olhos dos estrangeiros para o caos vivido no país, como: mortes, perseguições e exilamentos (SANTOS FILHO, 2008).

É importante destacar que apenas em 1996 durante o Congresso Mundial sobre Exploração Sexual Infanto-Juvenil, realizado em Estocolmo, houve mudanças na forma de divulgar o país. Araújo (2003, p.178) explica:

Neste evento, ambos foram criticados por estimular (via campanhas publicitárias que utilizavam a imagem de mulheres usando biquínis ou trajes sumários) e tolerarem (por meio de atitudes condescendentes diante as redes de relação que lucram com a prostituição, compostas de policiais, taxistas, hotéis, restaurantes, ambulantes, etc.) o Turismo Sexual.

Todos esses aspectos, para os estudiosos dessa linha de pensamento, são determinantes na formação da imagem da mulher brasileira, assim como sua (re)vitimização e (re)interpretação quanto colonizada e quanto sua posição sociocultural. Esse olhar, por meio de relações raciais, de construções dos países emissores e receptores de turistas, sejam eles sexuais ou não, apontados como legitimadores de algumas práticas e ações sociais ligadas ao turismo sexual.

Outro olhar, agora por meio do viés da sexualidade, é apontado por Marinho (2010), em dissertação intitulada O conceito de turismo sexual na perspectiva de sua inserção como objeto de estudo na graduação em Turismo. A autora analisa o fenômeno, inicialmente, por meio da voz de dois jornais de expressão, um da região nordeste e outro da região sul do Brasil, no intuito de transpor as falas destes para identificar as percepções de seus locutores sobre o que entendem por turismo sexual. Com referencial teórico marcado por meio da Psicologia Social e por meio da Filosofia, e referencial teórico metodológico pontuado na linguística, a estudiosa infere novo olhar tipológico ao fenômeno ressaltando a complexidade

conceitual e empírica do fenômeno além de mencionar os “deslizamentos” conceituais dos atores sociais, que parecem emergir dos discursos.

Desse modo, por meio desses muitos olhares e percepções, parece emergirem dos olhares, entre os autores, dois pólos tipológicos interpretativos da ação social: o da ilicitude e o da licitude, lembrando sempre que a ação dos indivíduos, como ilustra Marinho (2010)

Sem grandes aprofundamentos e entendendo o processo de alimentação e retroalimentação entre o turismo sexual e outros fenômenos, agora centraremos estudo no tráfico de pessoas, balizado nos aspectos metodológicos de Weber, no intuito de identificar vínculos pragmáticos que justifiquem a ação social.

### **Uma Descrição Tipológica para o Tráfico de Pessoas**

Vários fatores influenciaram a formação de definições sobre Tráfico<sup>5</sup>. Convenção em 1949 balizou discussões sobre o fenômeno a partir da necessidade de suprimir o tráfico de pessoas e a exploração da prostituição de outros fenômenos a partir da percepção de que esses fenômenos surgiram por meio da necessidade de compreender processos, por exemplo, de migração de mulheres sozinhas para outros países, ou ainda, sobre a escravização delas para a prostituição em terras estrangeiras (KEMPADDO, 2005, p.57).

Essa convenção focalizou a questão da prostituição, voluntária ou forçada, considerando-a como tráfico. De acordo como a explicação de Kempaddo (2005, p. 58): “[...] A partir de uma análise feminista radical das relações sociais que dá prioridade a relações de gênero, esta perspectiva liga o tráfico à prostituição, vista por sua vez como a pior forma de opressão patriarcal e a forma mais intensa de vitimização de mulheres”. Essa perspectiva foi revista pelo protocolo da ONU, pois para os representantes que compunham o evento a participação voluntária, não-coerciva por adultos na prostituição não constituía tráfico. (GAATW, 2006)

Assim, a ONU conceitua Tráfico de pessoas como:

---

<sup>5</sup> Sabendo que há diversos segmentos de tráfico, neste trabalho será abordado o tráfico de pessoas.



[...] o recrutamento, o transporte, a transferência, abrigo ou o recebimento de pessoas, por meio da ameaça ou do uso de força ou de outras formas de coerção, de abdução, fraude, engano, abuso de poder ou de uma posição de vulnerabilidade [...] ou a doação ou recebimento de pagamentos ou de benefícios para conseguir o consentimento de uma pessoa para ter o controle sobre ela, com a finalidade da exploração. A exploração incluirá, no mínimo, a exploração da prostituição ou outras formas de exploração sexual [...], trabalho ou serviços forçados, escravidão ou práticas similares a escravidão [...], servidão ou remoção de órgãos [...]. (GAATW, 2006, p.27)

Aqui o tráfico vem relacionado ao poder e a violência contra pessoas. Mulheres, adolescentes, crianças, são mais vulneráveis, mas também há outros segmentos sociais, igualmente passíveis ao tráfico, como os transgêneros ou alguns homens (homossexuais, travestis, entre outros). Protocolo de Palermo na voz de Leal, Maria Lúcia; Leal, Maria de Fátima,

[...] O tráfico de pessoas é o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou a recolha de pessoas, pela ameaça de recursos, à força ou a outras formas de coação, por rapto, por fraude, e engano, abuso de autoridade ou de uma situação de vulnerabilidade, ou através da oferta ou aceitação de pagamentos, ou de vantagens para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre uma outra para fins de exploração. (2002, p. 05)

Nesse sentido, algumas questões, de ordem objetiva e subjetiva, relacionadas aos sujeitos, podem ser discutidas. À medida que se busca a compreensão de atributos dados as pessoas que permitem ou se submetem a ações de força e violência contra elas, a objetividade trás questões baseadas na experiência, na realidade de cada indivíduo. Realidades geridas por fatores de consumo determinam a busca constante pela inclusão material para ter acesso à educação, à saúde, entre outros. Esses que de acordo com a Constituição Federal (1988) dos Direitos Sociais (art.6) dos cidadãos deveriam estar assegurados ao acesso: “[...] a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e a infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”, esses direitos deveriam ser de responsabilidade do governo. Assim como a falta de especialização dos profissionais que atuando no turismo, por exemplo.

Já considerações sobre a subjetividade relacionadas a esses indivíduos, podem sinalizar às representações sociais que tratam de elementos como: a depreciação da imagem da mulher, associando ela a lugares paradisíacos, racismo, patriarcalismo, discriminação por questões de gênero, entre outros.

Essas concepções formam teoricamente uma rede de conhecimentos sobre o fenômeno e empiricamente uma rede de poder e violência que articula exploração sexual comercial, abuso sexual, pornografia, turismo sexual, prostituição e tráfico para fins sexuais. (LEAL, M.L.; LEAL, M. F., 2002, p. 38).

As redes de favorecimento do tráfico estão organizadas por uma teia de atores com funções e papéis específicos com o objetivo de explorar para obtenção de lucro. Em Salvador, o CHAME (1998, p.08 - 09) aponta quatro figuras-chave<sup>6</sup> no circuito do turismo sexual da cidade: o facilitador, o agenciador, as mulheres e os turistas. Demonstrando que esses personagens figuram no aspecto perverso do turismo sexual, internacional e nacional, este está organizado sob um poder paralelo, possivelmente ancorando redes de tráfico. Tais redes podem estar camufladas sob fachada de empresas comerciais, como empresas turísticas, de entretenimento, da moda, agências de serviços como, por exemplo, serviços matrimoniais, etc. As abstrações tecidas por pesquisadores e estudiosos do turismo sexual e do tráfico de pessoas possibilitam, assim, substancial aporte teórico para a aplicação do método tipológico weberiano.

### **Concluindo sem encerrar a discussão**

O percurso analítico, alicerçado na construção tipológica do turismo sexual e do tráfico de pessoas, possibilita a percepção de que, empiricamente, a aplicação do método weberiano de interpretação e compreensão da ação social, se aplica aos estudos do turismo.

Estudos sob a ótica de Max Weber, a princípio, exerce fascínio a partir de toda discussão relativista do autor quando fala sobre a compreensão do real, por meio de modelos ideais no sentido de contextualização sócio-cultural.

É certo que, por meio da fundamentação metodológica weberiana, o mundo se desvela aos olhos do pesquisador, de dentro para fora, e a ele cabe explicar, objetivamente, a empiricidade dos fenômenos. A partir dos recortes feitos por eles sobre os tipos de turismo sexual e de tráfico de pessoas, historicamente construídos, possibilita construir abstrações sociais, os quais embasam a análise da ação social, que ocorre pragmaticamente entre os sujeitos sociais. Desencadeadas as relações sociais, faz-se mister ao pesquisador a compreensão/interpretação das relações estabelecidas, para assim entender o modo de agir dos

---

<sup>6</sup> Nesse sentido considerados como tipos ideais de agentes sociais, visto que na realidade alguns deles demonstram-se híbridos no contexto das relações sociais, como por exemplo o agenciador/facilitador.

indivíduos, afim de identificar a racionalidade e os outros condicionantes que o afetam, sinalizando tendências e efeitos na complexa teia de relações sociais.

É pertinente, aos profissionais do turismo, compreender como exploração sexual, abuso, prostituição, sexualidade, tráfico de pessoas, entre outros modos de agir dos indivíduos envolvidos nessa teia de relações sociais afetam o turismo como fenômeno social, assim como, cabe ainda mencionar que o método tipológico parte da premissa de que as discussões sobre esses fenômenos não se encerram ao final dos estudos e pesquisas, sendo estas sempre um meio de conhecimento que não se esgota em si próprio.

Nesse sentido, esse estudo permite-nos apontar para pesquisas futuras de com esta aplicabilidade metológica weberiana, tendo como objeto de estudo, asações e relações sociais intrínsecas aos estudos do Turismo.

## **Referências**

ALIANÇA GLOBAL CONTRA TRÁFICO DE MULHERES (GAATW). **Direitos Humanos E Tráfico de Pessoas: Um manual**. Manual. Rio de Janeiro, 2006.

ARAÚJO, Cíntia Möller. **Ética e Qualidade no Turismo do Brasil**. São Paulo - SP: Editora Atlas, 2003.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

BRASIL. **Constituição**. Brasília: Senado Federal, 1988.

CENTRO HUMANITÁRIO DE APOIO À MULHER – CHAME. **O que é que a Bahia tem: O outro lado do turismo em Salvador**. Salvador: UFBA, 1998.

KEMPADOO, Kamala. **Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres**. Cadernos Pagu (25), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 2005, pp.55-79.

LEAL, Maria Lúcia; LEAL, Maria de Fátima (orgs.). **Pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial no Brasil – PRESTRAF**. Brasília: Cecria, 2002.

MARINHO, Marcela Ferreira. **O conceito de turismo sexual na perspectiva de sua inserção como objeto de estudo na graduação em turismo**. 2010. 156 f. Dissertação (Mestrado em Turismo), Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

PISCITELLI, Adriana. **“Sexo Tropical”: Comentário sobre Gênero e “Raça” em alguns textos da mídia brasileira**. Campinas - SP: Revista Pagu, 1996.

RINGER, Fritz. **A Metodologia de Max Weber: Unificação das Ciências Culturais e Sociais**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2004.

SANTOS FILHO, João. **Ditadura militar utilizou a EMBRATUR para tentar ocultar a repressão, a tortura e o assassinato**. Disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br/084/84jsf.htm>>, Acesso em 15/08/2010.

TRAGTENBERG, Maurício. **Atualidade em Max Weber**. In: In WEBER, Max. Metodologia das Ciências Sociais, parte 2. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas. pp. XII-L. 1992.

WEBER, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais**. In COHN, Gabriel (org.). Max Weber: Sociologia. São Paulo: Ática. pp. 79-127. 1982.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. 1994

WEBER, Max. **Conceitos Sociológicos Fundamentais**. In WEBER, Max. Metodologia das Ciências Sociais, parte 2. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas. pp. 399-429. 1992.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília 1991.

WEBER, Max. **Estudos críticos sobre a lógica das Ciências da Cultura**. In Metodologia das Ciências Sociais. São Paulo: Cortez. 1992a.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**, parte 1. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas. pp. 155-210. 1992b.

WEBER, Max. **Rejeições religiosas do mundo e suas direções**. In GERTH H. H. e MILLS C. Wright (orgs.) Max Weber - Ensaios de sociologia. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. pp. 371-410. 1982a.